



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do Centro de Referência do Trabalhador Leonel Brizola

Setor de Indústria e Abastecimento – Brasília-DF, 18 de novembro de 2010

Eu estava brincando aqui que o companheiro Lupi muda de paixão muito rapidamente. Agora há pouco ele estava ali, dizendo para mim... apresentou uma loira e falou: “Essa aqui é a minha paixão”. Dois minutos depois (incompreensível).

Ministro Lupi: É minha mulher.

Presidente: Meu querido companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,

Senadores Acir Gurgacz, Jefferson Praia e João Durval,

Companheiros deputados federais Ademir Camilo, Damião Feliciano, José Carlos Araújo, Julião Amin, Manato, Marcos Nebraço, Mário Henriger, Oziel Oliveira, Paulo Pereira da Silva, Paulo Rubem Santiago e Sueli Vidigal,

Nossa querida Juliana... Está bom. Está ruim? Está bom. Nossa querida Juliana Brizola,

Leonel Brizola Neto,

Meu querido companheiro Alceu Collares, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, ex-deputado federal... Ex o quê mais? Ex um monte de coisa, prefeito.

Meus queridos companheiros do PDT.

Primeiro, Lupi, eu quero, eu quero, Lupi, dar os parabéns a você, enquanto presidente do PDT e ministro do Trabalho, por recuperar parte da



história do companheiro Brizola, inaugurando esse Centro, que leva o seu nome. Eu costumo dizer que o Brasil é um país que ficou empobrecido durante muito tempo, porque a gente não costuma guardar a memória dos nossos heróis. Ou seja, vira e mexe a gente procura um herói no Brasil, a gente cai em Tiradentes, vira e mexe a gente cai em Tiradentes, porque nós não cultuamos a imagem e a memória daqueles que fizeram tanto por este país. Então, acho que você está fazendo um gesto extraordinário.

Segundo, companheiro Lupi, preservar a memória da organização e da luta dos trabalhadores brasileiros é, na realidade, preservar também a própria história do nosso país. Nosso país, afinal, não foi construído [dentro] de gabinetes ou em meio às cortes. Foi o suor, o empenho e os ideais dos trabalhadores que conduziram as profundas transformações históricas que moldaram esta nação cada vez mais justa em que vivemos hoje. Nesse sentido, os 80 anos do Ministério do Trabalho representam também os 80 anos da relação entre o Estado brasileiro e toda a classe trabalhadora brasileira.

Estou falando de uma relação que nem sempre foi harmônica, que nem sempre foi democrática, mas que sinalizou, ao longo dessas oito décadas, os rumos do desenvolvimento nacional.

Todas as vezes em que o trabalhador foi tratado como um caso de polícia – e não como um ator fundamental em nosso cenário político, portador de direitos e autonomia – nosso país deu passos gigantes para trás.

E sempre que o Estado ouviu, respeitou e acreditou na força da classe trabalhadora, o Brasil avançou em termos democráticos, sociais e econômicos. Foi isso o que ocorreu, por exemplo, quando os trabalhadores, pela primeira vez, conquistaram os seus direitos, ainda no governo Vargas, impulsionando uma imensa transformação em um país cuja realidade social ainda lembrava a do século XIX.

Também foi o que ocorreu quando lutaram pela criação da Petrobras ou pela nossa soberania. Ou quando impulsionaram o desenvolvimento de nossa



base industrial nos anos JK e a ampliação da participação popular durante o governo João Goulart.

Os trabalhadores brasileiros sofreram derrotas, como aquela que tirou o Brasil dos trilhos do desenvolvimento democrático em 1964.

Mas os trabalhadores foram fundamentais – e vitoriosos – nas lutas pela redemocratização. E ganharam cada vez mais consciência, organização e força para defender seus direitos e o desenvolvimento justo e soberano do nosso país. Mais do que isso: garantiram seu espaço não como expectadores passivos das decisões governamentais, mas, sim, como efetivos construtores do próprio destino. E não é exagero dizer que, a partir de 2003, o Brasil passou a construir uma nova forma de relação entre o nosso Estado e a nossa sociedade.

Hoje, seja na Presidência da República, no Ministério do Trabalho, ou em qualquer outra área do governo, a participação dos trabalhadores, dos movimentos sociais e dos mais variados setores da sociedade se dá de forma democrática, institucional e permanente.

Nos últimos oito anos, vários conselhos nacionais foram criados, reativados ou fortalecidos, e 73 conferências nacionais de políticas públicas sobre os mais diversos temas – tendo quase todas em comum a participação do trabalhador – proporcionaram um verdadeiro mutirão democrático, que balizou a atuação do governo federal.

Não é por acaso, portanto, que o aprimoramento da participação social foi acompanhada por uma inédita valorização do trabalho e da renda. Como disse o Lupi, foram criados, e chegaremos ao final do ano, com mais de 15 milhões de trabalhadores com carteira profissional assinada, em oito anos, com crescimento da massa salarial – para o Paulinho nunca mais reclamar – e ganhos efetivos nos reajustes, sempre acima da inflação.

Aqui é um dado importante para quem viveu o trabalhismo a vida inteira. Eu fui dirigente sindical nos anos 70 e nos anos 80. Está aqui o Medeiros, que



também era. E eu, Medeiros, toda a vida que eu fiquei no Sindicato, eu nunca consegui fazer um acordo tendo ganho real de salário. A gente fazia greve de dez, 15, 20 ou 30 dias e, quando a gente ia fazer acordo, a gente se contentava em não perder tudo aquilo que a inflação estava comendo. E faz exatamente oito anos, Lupi, oito anos que 90% dos sindicatos de trabalhadores deste país conseguem fazer acordo com ganho real de aumento de salário.

É importante lembrarmos aqui, Lupi, uma frase do nosso querido companheiro, engenheiro Leonel de Moura Brizola – um dos grandes líderes brasileiros que tão bem representou, ao longo de sua vida, os ideais trabalhistas do desenvolvimento, da justiça social e da soberania do nosso país. Dizia o Brizola: “Em países como o nosso, não há desenvolvimento sem mobilização, não há desenvolvimento sem colaboração popular. Do contrário, é elitismo”. E afirmava: “É o nosso povo organizado, em mil formas, ajudando, colaborando, que construirá o desenvolvimento com suas próprias mãos”.

Essa construção está, felizmente, acontecendo nos dias de hoje. E este Centro que, com toda justiça, homenageia Brizola, expressa o vigor e a permanência dos ideais dos trabalhadores brasileiros.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Companheiro Laguna,

Tem uns mosquitos aqui, Laguna. Vem tanta gente na frente para ver isso aqui... Isso é porque é final de mandato, viu. Eu queria dizer... Não sabe? Você é quem pensa, meu filho. Os mosquitos aqui, em Brasília, sabem muito...

Companheiro Lupi, eu penso que muitas vezes quem acompanhou a relação entre PT e PDT, entre Lula e Brizola pela imprensa, certamente não tem noção e não tem compreensão de quantas coisas nós tínhamos em comum. Muitas vezes, o que aparecia era só a divergência.

E eu tive o prazer, Lupi, eu tive o prazer de conviver no meio de Brizola, de Arraes e de João Amazonas. Eu tive o prazer de separar brigas de cadeiradas nos comícios, de bandeiradas, por conta do parlamentarismo ou do



presidencialismo. Eu tive o prazer de compreender como duas grandes lideranças, como Brizola e Arraes... e por serem grandes, tinham problema de relacionamento muito forte. Ou seja, eram duas figuras importantes que se respeitavam, mas que eram tão fortes, cada um com a sua visão de Brasil, cada um com a sua representatividade regional, que eles terminavam, às vezes, dando a impressão de que eram mais adversários do que aliados.

Eu tive o prazer – eu não sei se foi tanto prazer – quando eu fui ao Rio de Janeiro pedir para o Brizola me apoiar no segundo turno das eleições de [19]89. Eu não lembro, mas lá estava o Brizola, estava o finado Brandão Monteiro, estava não sei se o Vivaldo Barbosa, não sei, estava o Noel Rosa... Noel de Carvalho. E eu lembro que eu fui avisado por um companheiro do PDT: “Olha, você vai entrar, o Brizola vai estar muito nervoso. Agora, é importante ter paciência, porque se em algum momento ele levantar, pegar a tua mão e for à janela e levantar a tua mão, está consagrada a aliança”. E eu estou lá. E, em determinado momento, o Brizola falou assim para mim: “Ô Lula, eu acho que houve empate técnico entre eu e você. Então, eu acho que era importante você retirar a sua candidatura e nós dois apoiarmos o Mário Covas”. Eu falei: Ô Brizola, não teve empate técnico, não é pesquisa mais, ô Brizola. Abriu a urna, eu tive 500 mil votos a mais. Não tem como a gente, agora, retirar a candidatura. Se o povo quisesse votar no Brizola... no Mário Covas, teria votado. E começamos a conversar, e entrou na conversa do Sindicato. E eu percebi que o Brizola estava fazendo uma inflexão quando o Brizola me disse: “Ô Lula, tu sabes que é verdade? Quem começou a mudar a história na Austrália foi um sindicalista”. E aí me contou a história do sindicalista que mudou a história da Austrália. Quando ele falou isso, eu senti que ele ia levantar a minha mão. Aí fiquei ali, fiquei ali tendo a certeza de que não estava compreendendo. Ou seja, depois de mais meia hora de conversa, o Brizola pegou a minha mão, foi na janela, levantou a mão e falou: “Estamos juntos, vamos ganhar essas eleições”. Foi uma das campanhas mais extraordinárias



que nós fizemos, que foi aquela de 1989.

Depois eu tive um outro momento com o Brizola, que foi marcante. Eu tentei convencer, meu caro Alceu Collares, meu caro Lupi, o Brizola, você sabe dessa história, a não ser meu vice, eu tentei convencer o Brizola a ser senador da República. Porque o Brizola tinha uma vontade tão grande de brigar com o Antônio Carlos Magalhães que eu achava que o lugar dele era no Senado. O ACM tinha acabado de ser eleito senador. Eu dizia: “Brizola, você tem que ir para o Senado, rapaz, lá é o teu *front*”. Mas aí ele falou: “Não, eu quero ir junto com você nessa”. E foi a campanha mais difícil que nós fizemos, aquela de [19]98, porque a gente já sabia o discurso do adversário, a gente já sabia o impedimento que fizeram para a gente não aparecer na televisão.

E, depois, Lupi, uma outra coisa marcante que você precisa saber: o Brizola tinha um certo ressentimento comigo porque eu nunca tinha ido a São Borja, no túmulo do Getúlio Vargas. E o Brizola não compreendia que lá nas bandas de São Paulo – não é, Paulinho Medeiros? – nós, sindicalistas, começamos a aprender as coisas no sindicato nos opondo à visão que Getúlio tinha do movimento sindical. Ou seja, nós éramos contra e dizíamos em alto e bom som: porque a estrutura sindical brasileira é cópia fiel da *Carta del Lavoro* de Mussolini. E foi aquilo que balizou grande parte da atuação dos dirigentes sindicais de São Paulo. Então, eu não tinha muita relação com o Getúlio Vargas.

Mas quando chegou na campanha de [19]98, eis que o Brizola me convenceu a ir lá no túmulo e eu fui, em São Borja. Eu fiquei impressionado, Lupi, eu fiquei impressionado da relação e da admiração do Brizola pelo Getúlio. Porque o Brizola, em determinado momento, começou a conversar com o Getúlio, começou a conversar. E era uma coisa que eu fiquei espantado. Ele estava conversando com uma admiração, como se o Getúlio estivesse ali o ouvindo. E, de repente, o Brizola falou: “Lula, quer conversar com o Getúlio?” E me deu um buquê de flores para depositar no túmulo de Getúlio. Eu falei:



Brizola, não, eu não quero conversar não, Brizola, eu não quero conversar. Mas aí ele me apresentou, Lupi, me apresentou... o Brizola me apresentou para o Getúlio. Pegou na minha mão e falou: “Olha, Getúlio...” Doutor Getúlio, acho que era. “Olha, doutor Getúlio, aqui está um operário, um operário que você não foi, que eu não fui. Esse é o operário que nós vamos apoiar agora, Getúlio, para fazer aquilo que a gente queria fazer”. E eu... Sabe o que é a impressão de uma pessoa conversando verdadeiramente com outra, ali? Eu saí de lá e falei: Esse Brizola transcendeu a minha compreensão.

Bem, depois, o Brizola, pelas características do Brizola, ele era um homem duro, duro e ao mesmo tempo leal. O Cristovam está aqui, o Cristovam não lembra. Na campanha em que o Cristovam foi candidato à reeleição aqui, eu vim aqui com o Brizola para apoiar o Cristovam. Mas, naquele tempo, acho que o Cristovam não estava muito querendo o nosso apoio. Eu sei que o Cristovam não foi receber a gente no aeroporto. Eu tive paciência e fiquei em um restaurante, almoçando com a assessoria do Cristovam, mas o Brizola foi embora. O Brizola não titubeou, ele foi embora. “Aqui eu não fico. Não quer o meu apoio...”, e foi embora.

Na campanha em que fui eleito presidente da República, o Brizola tomou uma decisão: Depois de apoiar o Ciro – não foi, Lupi? – no primeiro momento, chegou um momento em que o Brizola – antes do final – chegou um momento em que o Brizola falou: “Olha, não dá, nós temos que ir com o Lula, eu estou preocupado é com o Brasil, eu estou preocupado com o povo brasileiro. Já fizemos aqui o nosso teste, não deu certo. Eu não estou aqui para brincar, eu vou com o Lula”, e me apoiou.

Eu, outro dia, estava dizendo para o Lupi no meu gabinete: Eu não sei se a falta de experiência não fez com que eu e Brizola tivéssemos uma relação muito mais forte depois que eu fui eleito presidente da República. Eu, sinceramente, não sei. O dado concreto é que, no momento, eu pensei que o



PDT queria o Miro de ministro. Depois que eu indiquei, o PDT não quis o Miro, ficou uma confusão muito grande, o Brizola ficou com muita raiva.

Mas tem uma coisa, companheiros: o Brizola, antes um pouco, em [19]98, depois que terminaram as eleições, eu fui à casa, eu fui a Rezende, na Casa do Noé.

_____: Noel.

Presidente: Noel. Eu fui a Rezende. E lá o Brizola, muito emocionado, me propôs que a gente fundisse o PT e o PDT. E o Brizola falava assim para mim: “Ô Lula, eu acho que é quase natural que você seja o herdeiro do trabalhismo, pela tua história”. E ele falava emocionado. A gente pensava que o Brizola era duro, mas nas conversas mais íntimas ele falava essas coisas e os olhos dele lacrimejavam, era pura sensibilidade escondida naquela aparente dureza que ele tentava demonstrar nos debates, era um homem de muita sensibilidade. E eu falei: Brizola, nós temos apenas que ter em conta o seguinte. Uma fusão partidária não é simples, ou seja, eu conheço muito o PT, conheço menos o PDT, e você conhece muito o PDT e menos o PT. Para fazer uma fusão dessa, certamente os partidos terão que passar por um processo de depuração muito grande, muita gente terá que cair fora do PDT e muita gente terá que cair fora do PT, e isso é um processo dolorido, Brizola.

Bom, estávamos em conversações quando um belo dia, no mês de dezembro, o Fernando Henrique Cardoso telefona lá para a minha casa. Eu cheguei em casa, o meu filho falou: “Ô pai, tem uma pessoa que já ligou cinco vezes aqui, dizendo que é o presidente Fernando Henrique Cardoso. Eu bato o telefone no gancho, porque eu acho que é trote, eu acho que é trote”. Bem, aí eu peguei, liguei para o Fernando Henrique Cardoso, ele queria falar comigo. E eu tinha uma reunião da bancada aqui, em Brasília, eu vim à reunião da bancada e disse para a bancada que eu ia... não, eu disse para a bancada que



não ia conversar com o Fernando Henrique Cardoso. Aí o Fernando Henrique Cardoso falou: “Olha, se você não for, eu vou até o hotel que você está, conversar comigo [com você]”.

Eu fui conversar. Para que eu fui conversar? Aí o Brizola soltou os cachorros, o Brizola achou que tinha sido a maior traição do mundo eu ter ido conversar com o... com o Fernando Henrique. Mesmo assim, em 2002, na hora do aperto, o Brizola não vacilou em dizer de que lado ele estava. E dizia textualmente: “Eu vou com o Lula, porque eu estou do lado dos trabalhadores brasileiros e do povo brasileiro”.

Então, Lupi, eu posso dizer a você, Lupi, que o PT e o PDT – e eu dizia para o Lupi esta semana, no meu gabinete – tem muito mais coisa em comum do que divergência. O problema é que, muitas vezes, nós sentamos pouco à mesa para conversar e, muitas vezes, nós deixamos que uma ou outra voz dos dois partidos, ou por sectarismo, ou com medo dessa aproximação, grite mais forte e a gente não constrói.

Eu acho, companheiro Lupi, que a minha passagem pela Presidência da República, você pode ter a certeza de que quando eu deixar a Presidência eu virei outro homem, muito mais experiência, muito mais calejamento, muito mais sabedor das coisas que podem ser feitas. E pode ficar certo de que eu vou trabalhar muito para que a gente consiga construir uma força mais forte, mais homogênea, que represente mais a esquerda brasileira, que tenha mais coesão.

Eu sei que essas coisas é mais fácil falar do que fazer, mas eu vou ter disponibilidade para fazer, vou ter disponibilidade, espero ter credibilidade e espero que a nossa relação possa ter permitido que essa relação de confiança tenha aumentado. E eu acho que tudo isso que a gente fizer, nós deveremos fazer e debitar isso na história do engenheiro Leonel de Moura Brizola, que por mais que alguém possa entender que ele tivesse um defeito, o Brizola nunca errou tentando tirar proveito em causa própria, se ele errou era tentando



defender uma visão que ele tinha sobre o Brasil e sobre o povo brasileiro.

Portanto, Lupi, meus parabéns. Parabéns a você, como ministro do Trabalho, parabéns aos companheiros do PDT. Lamentei profundamente não eleger o Dagoberto senador da República, não foi por falta de esforço e por falta de discurso, é que nós dois somos feios mesmo e não agradamos o eleitorado feminino. Mas, de qualquer forma, eu acho que nós temos muito tempo pela frente, Lupi, para construir aquilo que nós não conseguimos construir até ontem.

Parabéns. E parabéns ao trabalhismo brasileiro. Um abraço.

(\$211 A)